

1930 – 1945 A verdadeira *Belle Époque* do turismo brasileiro: o luxo e os espetáculos dos hotéis-cassinos imperam na era getulista

por Dario Luiz Dias Paixão, M.Sc.

1. Introdução

Na segunda metade do século XIX, a revolução industrial – em sua terceira fase – promoveu mudanças radicais no estilo de vida da sociedade. Entre as mais significativas, destaca-se o início da viagem organizada, ou seja, do turismo moderno. Realizado em sua maioria por uma classe burguesa recém formada, com tempo e dinheiro para viagens em trens e navios a vapor – geralmente em busca de saúde e novos conhecimentos –, esta nova e fervorosa atividade da elite chamou a atenção de estudiosos que passaram a referir-se a este período como a '*Belle Époque*' ou '*Anos Dorados*' do turismo.

No Brasil, o século XIX não trouxe desenvolvimento para o setor, pois eram raros os equipamentos e serviços turísticos encontrados pelos viajantes. Uma realidade normal até mesmo para a capital da época: o Rio de Janeiro. (PIRES, 2002)

Os verdadeiros “Anos Dourados” do turismo brasileiro acontecem um pouco mais tarde, já no século XX, quando surgem construções fora dos padrões comuns, dando vida a *shows* e espetáculos voltados para uma elite acostumada à moda européia, surgindo os cassinos, incorporados ora por hotéis luxuosíssimos, ora por estâncias hidrominerais, termas ou climáticas de alta classe.

Precisamente em 1930, quando se iniciava a era getulista, a população do país girava em torno de 37 milhões de pessoas, com 70% destas vivendo no campo. Até o final do primeiro período do governo Vargas, em 1945, já havia 46 milhões de habitantes e o Brasil deixava de ser um país agro-exportador, mas não plenamente industrial. Esta ambivalência marcou a estrutura social, as formas de urbanização, o debate político e as relações com o exterior. (IBGE, 1953 em: NOSSO SÉCULO, 1980)

De 1929 a 1939, as viagens se intensificam no país. O número de companhias aéreas aumentou de quatro (com 51 aeroplanos perfazendo 1.476 vôos, com 3.651 passageiros) para nove (com 72 aviões que decolaram 7.900 vezes, com 63.423 pessoas). Segundo Rejowski (2002), neste período foram criadas no Brasil: a Varig (1927), a *Panair* da americana Pan Am (1930) e a Vasp (1933). Em 1945, o número de viagens chegou a

22.553, comportando 289.580 passageiros, com a existência de 65 empresas aéreas no país. Não só as viagens aéreas se intensificaram, mas também, as rodoviárias, pois em 1939, o Brasil já possuía uma frota de 111.832 automóveis, 5.853 ônibus e 63.079 caminhões. (IBGE, 1953 em: NOSSO SÉCULO, 1980)

Se por um lado o país se desenvolvia, as cidades cresciam e a vida da classe média alta prosperava, por outro, as Guerras Mundiais e a queda da Bolsa de Nova Iorque fizeram com que estes viajassem pelo Brasil. Ainda, a falta de saneamento básico e a problemática da saúde pública contribuíram para que a burguesia do país repetisse a história da atividade turística, quando a busca pela saúde tornou-se forte imperativo para os viajantes europeus.

2. Histórico da relação estâncias turísticas e jogos de azar

Apreciados por gregos e romanos, os banhos medicinais eram lugares de descanso, divertimento e higiene. E, apesar de existirem indícios de que os gregos inventaram as termas e, de que os romanos as colocaram em destaque no império por séculos, são escassos os estudos sobre o papel desempenhado pelas termas. (DE MASI, 2003)

Segundo De Masi (2003), *“no século I a.C. existiam em Roma 170 termas, e no quarto século já haviam chegado na casa do milhar, e isto sem contar as 11 termas imperiais”*. As termas de Caracalla, por exemplo, chegavam a receber 9.000 pessoas/dia.

Nas termas não só existiam banheiros e piscinas, ginástica e farmácia, pontos de encontro, alamedas para passeio e terraços para se bronzear, ambientes destinados aos jogos, às unções, aos tratamentos com areias e lamas, mas também havia escritórios, bibliotecas, auditórios, salas para exposições e para convênios (...) para organizar tudo isso, era necessário não só um labirinto formado por aquedutos e tubulações (...), mas também um abastecimento constante de lenha, de pedras-pomes, de comidas e de bebidas, assim como um exército de vigias, de funcionários ligados aos fornos e ao aquecimento, à manutenção, bombeiros hidráulicos, guardiões, treinadores, professores de ginástica e das várias modalidades de jogos, massagistas, barbeiros, depiladores, especialistas nas unções, médicos, enfermeiros, escribas, secretários, cozinheiros, salva-vidas e almoxarifes. (DE MASI, 2003)

Apesar da popularidade, a igreja e vários moralistas procuraram combater as famosas promiscuidades e jogos de azar que aconteciam nas termas, inclusive proibindo a

presença de mulheres no local. Mas foram os visigodos os responsáveis pela ruína total dos locais de banho, com a interrupção dos aquedutos.

Quanto aos jogos de azar, deve-se ressaltar que a vida foi originalmente guiada pela sorte, apesar de gradualmente o ser humano ter aprendido a distinguir as possibilidades de sua própria vida por meio das experiências de seus antecessores. Mesmo assim, os jogos eram constantes, alimentados pela superstição. Os gregos, por exemplo, utilizavam dados para explicar sonhos e, também, como instrumentos para a astrologia. Os Imperadores Romanos se divertiam jogando pedaços de pergaminho escritos com números sobre as arenas para sortear privilégios, ou mesmo, às vezes, só sandálias. Egípcios, mesopotâmicos, gregos e romanos antigos já praticavam e regulavam os jogos em função dos efeitos pessoais que se verificavam entre os jogadores e do impacto sociológico.

A longa história dos jogos levou-os à distinção entre lícitos e ilícitos. Desde os tempos mais remotos, esta distinção consiste na diferença entre habilidade e azar e, passatempo e vício. Por isso, o jogo sempre possuiu alguns opositores. Aristóteles, por exemplo, considerava os jogadores avarentos e ladrões. No Egito antigo, o jogo de azar foi considerado invenção do demônio. (PAIXÃO, 1999)

Para o Direito Romano e, mesmo para Justiniano I, o jogo de azar era proibido. O ganhador não podia exercer ação sobre seu crédito e ao perdedor era concedido o favor de considerar sua dívida como pagamento indevido. A palavra ‘azar’, do árabe vulgar *az-zahr*, e do francês *assard*, significa sorte ou a falta dela. No árabe culto, *Hazart* é o nome de um castelo localizado na Palestina, onde teria sido inventado o jogo de dados.

Na época medieval esta proibição prevaleceu de maneira geral, pois muitos se viciavam, causavam brigas, estabeleciam contratos especulativos, exerciam atos de má fé para adquirir riquezas, além de arruinar patrimônios e famílias.

Nos séculos XVI e XVII os jogos de azar protagonizaram batalhas memoráveis no Reino Unido - entre a Igreja e o Estado -, sobre religião e leis seculares. A crença na sorte afrontava a influência da Igreja, enquanto o Estado também atacava os jogos, de tempos em tempos, quando o tesouro se apresentava insuficiente para manter a milícia ou quando as casas de jogos patrocinavam algum tipo de tumulto popular. Entretanto, foi a diferença de classes que banuiu as casas de jogos neste período, pois os ricos viam como uma ameaça a presença das classes menos favorecidas nos mesmos estabelecimentos.

Esta tradição voltou à moda durante o fenômeno do ‘*Gran Tour*’, dos séculos XVI e XVII, onde se buscava a melhoria da saúde e conhecimento. A partir do século XVIII, surgiram famosos balneários (centros termais e climáticos) como *Bath* e *Brighton*, na Inglaterra; *Spa-Francorchamps* na Bélgica (batizada em 1.323 d.C., *spa* quer dizer fonte em francês e estância mineral em inglês); *Aix-la-Chapelle* e *Schwalbach*, na Alemanha; *Biarritz*, na França; e os Alpes, destacando-se *Saint Moritz*, na Suíça; e, *Chamonix*, na França, recomendados pelos médicos, graças à pureza do ar das montanhas. (BARBOSA, 2002; REJOWSKI, 2002)

As águas frias, que contrastavam com as águas quentes a vapor, eram procuradas e algumas pesquisas científicas apontavam o ar do oceano mais puro que o da montanha. Até mesmo o filósofo Jean-Jacques Rousseau foi defensor desta tese. Mas somente os aristocratas tiravam benefícios deste segmento de viagem. “*Já as classes operárias utilizavam a praia como lugar de recreação e não como fim terapêutico. Banhos de mar se intensificam por volta de 1870, especialmente no Atlântico Norte e Báltico*”. (BARBOSA, 2002)

Os hotéis adaptam-se para acolher estas pessoas e a medicina aplicada é magnífica, prestando serviços personalizados nunca antes vistos. Comercializavam-se as águas, as praias e o ar da montanha como elementos de cura.

Após o sucesso dos balneários e estâncias na Europa, muitos investidores seguiram os passos de seus antecessores, mas desta vez aliando a tranquilidade destes lugares comparativamente aos frenéticos cassinos. Era preciso fazer com que a elite ociosa voltasse a se divertir. Segundo Paixão (1999), em vários países, somente em estâncias ou balneários as casas de jogos eram permitidas, como ordenou Napoleão Bonaparte para atrair visitantes aos *resorts* (complexos turísticos). De fato, a fase mais glamurosa do turismo, ao aliar “*termalismo, cassinismo e paisagismo*”. (REJOWSKI, 2002)

No século XIX, novos destinos se tornaram muito famosos e, o jogo, de atividade complementar, passou a principal, além do que financiava o custo das mega instalações e do crescente número dos profissionais contratados. Alguns destes merecem destaque: *Le Mont Charles* (Monte Carlo), em Mônaco; *Nice, Cannes e Vichy*, na França; *Blackpool*, na Inglaterra; *Marienbad*, na Tchecoslováquia; *Roulettebourg* (de ‘O Jogador’ de Dostoievski), *Baden Baden, Wiesbaden e Karlsbaden*, na Alemanha (*baden* significa

banho); a Riviera Italiana; *San Sebastian* e Ilhas Canárias na Espanha; e, Cascais e Estoril, em Portugal.

E, na América do Norte, *Atlantic City* e *Saratoga Springs*, nos Estados Unidos e *Banff Springs Hotel*, no Canadá. Na América do Sul já se destacavam *Mar del Plata*, na Argentina; e, *Viña del Mar*, no Chile.

Muitos destes complexos inspiraram os profissionais ligados ao desenvolvimento da atividade de banho e de jogo e suas luxuosas construções por todo o Brasil.

2.1. O contexto histórico das termas e do jogo no Brasil

Na América do Sul, os povos nativos já praticavam alguns jogos de azar antes da chegada dos colonizadores. Inclusive no Brasil, o jogo possui antecedentes históricos com modalidades bem características, geralmente relacionadas à loteria, corridas de cavalo e outros comuns às festas populares. Sabe-se que, no Rio de Janeiro, havia uma casa de jogos chamado “*Beira-Mar Cassino, no antigo Passeio Público, que o Vice-Rei Luiz de Vasconcelos incumbiu a Mestre Valentim de construir à beira do cais, em 1.789.*” (www.magocom.com.br)

Entretanto, as atividades de lazer, e especialmente as de jogos, sempre foram vítimas de restrições por parte de detentores de algum poder: Estados; Igreja; defensores da ‘moral e dos bons costumes’; guardas de rua e leões de chácara. Para exemplificar, a jogatina (do italiano *giocatina* – entretenimento, diversão e brincadeira) de baralhos e dados era proibida nas Ordenações do Reino pela legislação portuguesa e, por extensão nas colônias; como no Brasil, por mais de 300 anos.

Essa prática estendeu-se entre nós desde os primeiros momentos da colônia. Quando Estácio de Sá veio combater os franceses no Rio de Janeiro, o jogo já estava disseminado. No tempo do Marquês de Pombal, a Imprensa Régia cuidava da feitura das cartas. Em 1806, a Tipografia Real lisboeta chegou a imprimir uma verdadeira enciclopédia, sob o título *Academia de jogos*. E, em 1811, com a Corte Portuguesa já instalada no Brasil, a Real Fábrica de Cartas de Jogar é anexada aos prelos da Imprensa Régia, no Rio. Mas, por essas coisas que a lógica não explica, o jogo nunca foi aceito. (www.magocom.com.br)

Oficialmente, o jogo no Brasil se estrutura, ainda no século XIX, depois da vinda da Corte Portuguesa. Em São Paulo, por exemplo, a primeira loteria data de 1.824; a do Rio

Grande do Sul de 1.843; e a do Pará de 1856. No Rio de Janeiro, Dom Pedro II, fundou a Caixa Econômica Federal em 12 de janeiro de 1.861, com o objetivo de realizar empréstimos sob penhor e organizar uma poupança popular. Hoje esta instituição é responsável por 50% de toda a arrecadação dos jogos de azar no país, que em 2003, passou da marca de dois bilhões de dólares. (www.magocom.com.br)

Curiosamente, a maioria das loterias oficiais dos governos estaduais foi criada na primeira metade do século XX, época em que surgem e desaparecem os hotéis-cassinos. Por exemplo, em São Paulo foi criada em 1.939; no Rio de Janeiro em 1.940; e, em 1.944 em Minas Gerais.

Entretanto, o desenvolvimento da oferta turística não acompanhou de perto o crescimento do jogo no país. Quando a Família Real chegou ao Brasil, em 1808, abrindo os portos às nações amigas, surpreendeu-se pelo fato de não haver hospedagem ou restaurantes em todo o território imperial. Existiam apenas alguns ranchos e hospícios jesuíticos que atendiam tropeiros e as viagens de alguns aventureiros e comerciantes.

Durante décadas, *“as viagens pelo país só ocorriam em função da necessidade de expansão de novos territórios, da busca de riquezas e dos gêneros de primeira necessidade”* (REJOWSKI, 2002). Porém, pouco a pouco, os europeus que chegavam aos milhares começaram a introduzir no país novas hospedarias; restaurantes mais apresentáveis; novas rotas de trem; e, novos costumes, como manter ou recuperar a saúde (o que preocupava a pobres e ricos pela proliferação de doenças) ao se banhar em águas termais ou salgadas do mar, ou mesmo, acudir a locais de veraneio.

As primeiras regiões que receberam estes visitantes, na segunda metade do século XIX foram: Petrópolis, no Rio de Janeiro; Caxambu e Poços de Caldas, em Minas Gerais; Campos do Jordão, em São Paulo; e, Santo Amaro e Caldas da Imperatriz, em Santa Catarina. Mesmo os primeiros hotéis do Rio de Janeiro (que surgem entre 1860 e 1880) contavam com chácaras para banhos de cachoeira. Neste momento, apesar do desejo da aristocracia brasileira viver como os europeus, deveria existir um número inferior a 100 hotéis com serviços de alimentos e bebidas em todo o país, sendo que o melhor deles estava localizado em São Paulo, o Grande Hotel, inaugurado em 1878. (PIRES, 2002)

Segundo Pires (2002), este crescimento da oferta turística foi proporcionado pelo desenvolvimento das cidades e aumento da classe média, já que os nobres da Corte, ou os

fazendeiros de café em São Paulo e Minas Gerais ficavam sempre em casas de amigos ou de segunda residência. Mas no final do século XIX, o Brasil não estava nem perto de possuir hotéis e estâncias glamurosas como aquelas encontradas na Europa, muito menos de contratar profissionais como Cézar Ritz, que virou lenda junto com seus métodos de gestão hoteleira.

Já no início do século XX este panorama começa a mudar. A chegada dos primeiros turistas internacionais se dá com a excursão da empresa *Thomas Cook and Son*, que em 1907 trouxe o primeiro grupo organizado ao Rio de Janeiro a bordo do navio a vapor *Byron*. O pai do turismo já havia falecido (1892) e cerca de 500 agências de viagem funcionavam em todo o mundo quando o Brasil começou a receber turistas, no sentido pleno da palavra, e não apenas os comerciantes, imigrantes e viajantes de outras naturezas.

Nesse mesmo ano de 1907, *“a cidade passou a oferecer incentivos fiscais para construções de novos hotéis”*. (GAZETA MERCANTIL, 1999). E, segundo Rejowski (2002), *“assim, consolidou-se a tendência do século anterior: no litoral, os banhos de mar, mas de forma mais elaborada e com disponibilidade de mais alguns serviços; no interior, as estâncias hidrominerais, termais e climáticas (a partir de 1.910)”*.

A partir de então, nasce o Hotel Avenida, com 220 quartos, o maior do país até surgir o Copacabana Palace, inaugurado em 1.922 como o empreendimento mais luxuoso do Brasil, com 233 apartamentos. Construído pelo empresário Otávio Guinle, tinha como referência o Hotel Carlton, situado de frente para o Mediterrâneo, em Cannes. A idéia nasceu em função de que o presidente Epitácio Pessoa, ao hospedar o Rei Alberto I da Bélgica e sua comitiva, pretendia impressioná-los satisfatoriamente. (TRIGO, 2000)

Apesar de contra-tempos históricos como a Primeira Guerra Mundial e a Queda da Bolsa de Nova Iorque, as décadas de 1920 e 1930 foram boas para a atividade turística nacional, quando os melhores exemplos do turismo de cura, e que estiveram muito na moda entre os viajantes, eram Campos do Jordão, em São Paulo e Caldas Novas, em Goiás. Neste último destino, foram construídas casas de banho ainda nos anos 1920. (BARBOSA, 2002)

Nesse momento - no Brasil - nova ordem social se iniciava, e o setor turístico e hoteleiro estava por presenciar uma diversificação sem precedentes.

3. A sociedade e a política brasileira dos anos 1930-1945

A Revolução de 30, liderada pelo gaúcho Getúlio Dornelles Vargas, derrubou a República Velha, do então presidente Washington Luís. Queriam construir algo novo a partir da insatisfação da emergente classe média, do tenentismo, da burguesia e do movimento operário dos anos 1920. Com a promulgação da Constituição de 1934, no dia 16 de julho, Vargas efetivamente tomava posse do governo, do qual era presidente provisoriamente desde 1930.

Inspirada na Constituição alemã de *Weimar*, a nova Constituição – terceira do Brasil e segunda da República (a última era de 1891) – preservava o liberalismo e o presidencialismo. Ainda, mantinha a independência dos três poderes fixando, em caráter excepcional, a eleição do primeiro presidente eleito por voto indireto da assembléia.

Assim foram instituídos: o salário mínimo; o voto secreto e universal para maiores de 18 anos alfabetizados; o direito de voto às mulheres; a nacionalização das empresas; a Lei de Sindicalização; a criação da Previdência Social; a carteira de trabalho; a CLT (Consolidação das Leis do Trabalho); e, o mandado de segurança. A nação precisava se modernizar; e, o regime de Getúlio propunha a evolução e o progresso com a criação de leis e incentivos às indústrias.

Em 1937, à medida que se aproximava o fim de seu mandato constitucional, Vargas não pretendia deixar o governo e tornava-se urgente para ele e os setores que o apoiavam encontrar um meio de suspender as eleições.

Dia 10 de novembro de 1937. O Exército cerca o Palácio Monroe, no Rio, onde funciona o Senado, sob o pretexto de evitar um possível golpe comunista. Com o apoio das armas, Getúlio fecha o Congresso e extingue os partidos políticos. É o começo do Estado Novo. Agora, só existem duas forças polarizadoras no cenário político nacional: o Exército e Getúlio. O Governo passa a admitir uma única bandeira para todos os Estados: o pavilhão nacional. Em dezembro, é realizada no Rio uma cerimônia de queima das bandeiras estaduais, símbolo da vitória do poder central. A carreira de Getúlio ditador começava.

O general Góis Monteiro e seu braço direito, o general Eurico Gaspar Dutra, eram os principais articuladores do golpe. Poucos ousavam não se integrar à tendência autoritária

implantada, como os ministros liberais das Relações Exteriores, Oswaldo Aranha, e da Agricultura, Fernando Costa.

Para melhor controlar a nação, o governo criou o DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), em 1939. O objetivo do órgão era de controlar os meios de comunicação, utilizando a censura, a repressão e a doutrinação, designando o que poderia ou não ser publicado. As crianças, por exemplo, recebiam cartilhas do DIP que diziam: “Fortes e unidos, os brasileiros do Estado Novo são guiados pela grande Trindade Nacional: NOSSA PÁTRIA, NOSSA BANDEIRA, NOSSO CHEFE”.

Durante este “estado de guerra”, dois locais totalmente distintos recebem pessoas importantes e pensadores da época: as cadeias e os hotéis-cassinos das principais cidades brasileiras. Nas masmorras do Estado Novo, desprovidos de qualquer liberdade ou dignidade, encontravam-se membros da elite política, como Luís Carlos Prestes e sua mulher Olga Benário, presos em 5 de março de 1936. Cerca de 10.000 presos políticos foram presos, torturados ou exilados. Apenas no Rio de Janeiro, 3.000..

De outro lado, os hotéis-cassinos se enchiam de pessoas da sociedade extravagante. Festas apoteóticas, geralmente patrocinadas pelo espírito filantrópico da primeira dama do país, Darcy Vargas, sucediam-se no Estado Novo. Salões, clubes e cassinos multiplicavam-se a olhos vistos, transformando a Capital Federal na maior jogatina do país. Homens fortes do regime, também, imperavam neste cenário, como por exemplo, o famoso “Bejo”, Benjamin Vargas, irmão de Getúlio, que sempre aparecia de revólver na cinta nas famosas noites do Tênis Clube de Petrópolis. (NOSSO SÉCULO, 1980)

Uma elite milionária fortalecida pelo Estado Novo ocupava as mesas de jogo (destacava-se a imponente presença de Carmem Miranda nos shows do Cassino da Urca). Com produção milionária, as festas promovidas pelo Estado e pela elite, em geral eram custeadas pelo empresário Joaquim Rolla, proprietário dos mais importantes cassinos do país, como os da Urca, Icaraí, Pampulha e Araxá.

No início da década de 1940, um espetáculo que marcou época foi o *Joujoux et Balangandans*, que contava a movimentada viagem da pitoresca família Mota Durães pelas Américas, a bordo de um navio da ‘Frota da Boa Vizinhança’. Adequado ao espírito festivo que reinava nas altas rodas, o *show ‘Joujoux et Balangandans’* serviu de inspiração para que manifestantes ocultos pichassem o muro do Palácio do Catete com as palavras “*Basta*

de Balangandans, o que queremos é água!”, como clara referência às festas promovidas pelo Governo, em detrimento da constante falta de água na Capital Federal. Pelo descuido, a guarda presidencial foi presa e, durante o tempo que a frase permaneceu lá, nenhum automóvel transitou pela rua Silveira Martins. (NOSSO SÉCULO, 1980)

Este era o tempo dos cassinos, dos shows e das vedetes. O combustível estava racionado – inclusive para ambulâncias – em função do início da II Guerra Mundial em 1º de setembro de 1939. As despesas públicas eram rigorosamente contidas e o custo de vida subia a todo vapor. No entanto, 24 horas por dia, 48 caminhões subiam sem parar a estrada para Petrópolis, levando areia de Copacabana, material de construção e trabalhadores.

Em construção estava o luxuosíssimo Cassino de Quitandinha.

Alguns antigetulistas protestavam, sem serem ouvidos.

Na teoria o Estado Novo não concordava, nem com a boemia, nem com os jogos de azar, considerando-os inaptos e desestruturadores do cidadão estadonovista. O bom trabalhador, com direito a exercer livremente a cidadania e receber a proteção do Estado, era o indivíduo que respeitava a ordem e usufruía a liberdade de forma disciplinada. Não deveria ser desordeiro como eram os grevistas e arruaceiros.

Vargas, desta forma, por meio de sua propaganda política, voltava a atenção ao cidadão e à garantia de seus direitos junto ao Estado e à sociedade.

O Estado Novo queria acabar com a cultura de que ‘é bom ser malandro’, criando o ‘samba da legitimidade’ na busca de converter a figura do *bon vivant* em operário de fábrica, enfim, de um trabalhador que estava longe de ser um desempregado, mendigo, marginal, criminoso, desordeiro e boêmio.

3.1. Pelo rádio e cinema: a influência parisiense e hollywoodiana e o papel das mulheres

Os meios de comunicação de massa, principalmente a imprensa e o rádio difundiam a ideologia do Estado Novo junto às camadas populares, contribuindo para a transmissão de idéias, ideais e valores, que de acordo com Ortriwano (1985):

O impacto do rádio sobre a sociedade brasileira a partir de meados da década de 30 foi muito mais profundo do que aquele que a televisão viria a produzir

trinta anos depois. De certa forma, o jornalismo impresso, ainda erudito, tinha apenas relativa eficácia (a grande maioria da população nacional era analfabeta). O rádio comercial e a popularização do veículo implicaram a criação de um elo entre o indivíduo e a coletividade, mostrando-se capaz não apenas de vender produtos e ditar 'modas', como também de mobilizar massas, levando-as a uma participação ativa na vida nacional. Os progressos da industrialização ampliavam o mercado consumidor, criando as condições para a padronização de gostos, crenças e valores.

Os hábitos de vida norte-americanos e europeus penetravam no país, via Hollywood, provocando mudanças nas concepções de vida das classes médias e abastadas. Nas roupas, o estilo de Paris e a maquilagem dos filmes americanos. Na telona, exibiam-se homens e mulheres incomparavelmente belos, vestidos por figurinistas sofisticadíssimos e levando uma vida fascinante. Um grande exemplo foi o lançamento do lendário filme Casablanca, em 1942, dirigido por Michael Kurtz.

Era a época do cassino e *boîte* das famílias *chics*.

Aqueles tempos eram voltados para a família. Enquanto homens estudavam nas faculdades e conseguiam os melhores empregos, cabia às mulheres cuidar da casa e dos filhos, sem muito espaço para vida social e profissional. Casava-se muito cedo e, apesar das mulheres começarem a votar, a trabalhar, a fumar em público e a dirigir, entrar em um cassino somente era possível se acompanhada por um homem para evitar a má fama, já que quando inserida neste ambiente, poderia muitas vezes ser confundida como uma 'mulher da vida'. (NOSSO SÉCULO, 1980)

A diferença entre o papel da mulher nas sociedades norte-americana e européia com relação à sociedade brasileira se amplia significativamente no período da 2ª Grande Guerra (em 1943 o Brasil entra em batalha), já que naqueles países chamados de 1º Mundo, o "sexo frágil" era obrigado a tomar conta das comunidades, fábricas, indústrias, comércios e serviços enquanto os homens lutavam contra as forças nazi-fascistas.

Nesta época, o presidente dos Estados Unidos aproveitou-se do fato que Getúlio estava contra o regime comunista da União Soviética e pouco simpático às idéias nazi-fascistas, para emprestar 50 milhões de dólares para a construção da Companhia Vale do Rio Doce e a Hidrelétrica de Paulo Afonso (1942). Em troca, o governo americano recebeu permissão para construir uma base militar em Natal e o apoio brasileiro na 2ª Guerra Mundial (coincidentalmente após vários bombardeios alemães à frota mercante brasileira).

A política de boa vizinhança com os americanos fez até *Walt Disney* criar o malandro papagaio Zé Carioca, que apareceu ao lado de Pato Donald e seus companheiros em *'Saludos Amigos!'* (1943).

De uma forma muito mais suave, as mudanças drásticas que viviam os Estados Unidos chegavam ao país. O crescimento das cidades, do setor industrial (Vargas, em 1942, criou o Serviço Nacional de Aprendizagem - SENAI) e, do consumismo desenfreado, ajudaram as mulheres a conquistarem algum espaço.

Aqui no Brasil, para trabalhar fora, as mulheres ainda necessitavam de autorização do pai e, quando casadas, do marido. Segundo pesquisa de Ernst (2003) *"Foi somente a partir de 1943 que a mulher ganhou o direito de poder trabalhar fora de casa sem a autorização expressa do marido. Mesmo assim, o exercício de qualquer atividade da mulher fora de casa não era visto com bons olhos por grande parte da sociedade"*.

As mulheres da elite possuíam privilégios, diferentemente das operárias, que não precisando trabalhar, ocupavam seu espaço em confeitarias e casas de chás em seus trajes que seguiam à moda de Nova Iorque e Paris.

Muitas vezes, as mulheres eram inspiradas por outras que pareciam estar à frente do seu tempo. Um exemplo de modernidade e que inspirou tantas outras, surgiu no Cassino da Urca. Por meio de seus *shows*, Carmem Miranda tornou-se rapidamente coqueluche dos fãs brasileiros e norte-americanos. Quando deixou o porto do Rio, em 4 de maio de 1939, a bordo do vapor Argentina, milhares de fãs cariocas acenavam adeus do píer da praça Mauá.

A convite do empresário Lee Shubert, foi atrás do sonho americano com seis fantasias de baiana na bagagem, indicada pela dinamarquesa Sonja Henie, campeã mundial de patinação sobre o gelo que *Hollywood* cortejou calorosamente por um tempo. Aproveitando a Feira Mundial, *'The Lady in Tutti-Frutti Hat'* fez sucesso rapidamente, principalmente em Boston e Nova Iorque. Inclusive, no auge de uma de suas maiores crises de público, a revista *Click*, em novembro de 1939, publicou: *"Carmem Miranda salvou a Broadway da Feira Mundial"*. Chegou a ser mais comentada pela imprensa do que a ícone Greta Garbo. Logo gravou dois discos *'South American Way'* e *'Touradas em Madrid'* e um filme *'Serenata Tropical: down argentine way'*. Até foi recebida pelo presidente Roosevelt antes de voltar para o Brasil depois de uma temporada de 14 semanas nos Estados Unidos. (NOSSO SÉCULO, 1980)

No dia 10 de julho de 1940, cinco mil pessoas foram saudá-la no porto do Rio e a conduziram em uma caravana até a Zona Sul da cidade. Entre muitos elogios e críticas, Carmem pôs tudo a perder em um show beneficente organizado por Darcy Vargas, no Cassino da Urca, por estar gripada e sem ensaiar. Mas, dois meses depois, em nova apresentação na mesma casa de espetáculos, viria a consagração.

Em outubro voltou novamente para a terra do Tio Sam para finalizar uma brilhante carreira de 15 anos, com mais de 30 discos e 15 filmes, além de incontáveis aparições em teatros, *night clubs* e programas de rádio e televisão. Quase um milagre para quem, durante muito tempo, só conhecia três palavras em inglês: *Yes*, *No* e *Money*. Até hoje, sua mansão em Los Angeles é apontada e comentada por guias turísticos locais.

Naquela primeira metade do século XX, a sociedade do trabalho e sua agitação direcionou as pessoas para o lazer, como forma de aliviar as tensões da vida, de afastar a rotina, a disciplina do trabalho e as normas estabelecidas. Eis que, com o crescimento acentuado das cidades e dos negócios pós-queda da Bolsa de Nova Iorque, em 1929, a boemia se fortalece como uma das formas de entretenimento mais importantes para o modelo social vigente.

4. Os hotéis-cassinos brasileiros

O jogo organizado, que tanto prazer e dinheiro proporcionava às elites, precisava prosseguir e ampliar-se. E se o Rio de Janeiro já possuía os cassinos do Copacabana Palace (considerado o primeiro do país), do Atlântico (no Posto 6, em Copacabana) e da Urca; Niterói tinha o Icaraí; Terezópolis, o Higino Palace; Santos, o Parque Balneário, Ilha Porchat e o Atlântico; Guarujá, o Cassino do Barreiro; Poços de Caldas, o Quississana e o Politeama; Araxá, o Grande Hotel; Belo Horizonte, o Pampulha; Curitiba, o Ahú; Salvador, o Central; e, Recife, o Grande Hotel; Petrópolis não podia ficar para trás, pois lá personalidades importantes possuíam casas.

A idéia de construir um grande cassino em Petrópolis (dotado até de uma praia artificial) partiu do empresário Joaquim Rolla, ex-tropeiro amigo de Amaral Peixoto, que foi interventor do Rio de Janeiro. Era genro de Vargas e proprietário de grande parte dos cassinos já nomeados.

Antes de lançar-se ao vultoso empreendimento, Rolla negociou com o Governo um contrato que lhe assegurava a indenização de 120 mil contos de réis, no caso do jogo ser proibido em território nacional. As obras do Quitandinha demoraram três anos: no dia 12 de fevereiro de 1944, a casa foi parcialmente inaugurada, com um banquete para duas mil pessoas, no salão Marcondes. Um *show*, intitulado Vogue 44, do qual participaram, entre outros, Yma Sumac, Grande Otelo, Alvarenga e Ranchinho, coroaria a noite. Tocaram as orquestras de Carlos Machado e Gaó durante o jantar e o baile. (NOSSO SÉCULO, 1980)

No ato da proibição do jogo, existiam no Brasil 71 cassinos, que empregavam 60.000 trabalhadores direta e indiretamente. Estas casas de jogos ofereciam, além de ambiente de descontração – restaurante, salão de baile, bar e música; a jogatina, sendo esta expressa por meio de jogos de cartas, roleta e bazará, dentre outras formas, sendo um ambiente no qual as pessoas acabavam por conhecer a riqueza ou a pobreza. (PAIXÃO, 1999)

Enquanto a elite discursava sobre a necessidade de investir neste tipo de ambiente seletivo e voltado para a sociabilidade e diversão sadia, as classes populares viam seus clubes de jogo serem acusados de locais perigosos à sociedade e à margem dos bons costumes. As famílias tradicionais exigiam luxo, segurança, higiene e boas atrações nos clubes, hotéis e cassinos que garantiam o lazer após o trabalho. Diferente das classes trabalhadoras que ao presenciarem seus patrões nas casas de jogos, eram levados a imaginar que tais lugares os distanciavam de ganho financeiro justo e digno. O bom cidadão deveria prezar o trabalho e a família, estereótipo definido por Getúlio Vargas, para o trabalhador que realmente amasse a nação e o trabalho.

“De qualquer maneira, em qualquer classe social, o jogo como seguimento da boemia, faz com que seus praticantes fujam de sua rotina e de seu cotidiano de maneira lúdica” (ERNST, 2003)

Nesta época, com o fortalecimento da sociedade capitalista, o jogo é categorizado como instituição, espelhado nos cassinos, ao que a igreja combate fervorosamente. *“Os jogos, quando voltados apenas para fator divertimento, não envolvem valores monetários, remetendo, por exemplo, a jogos em família. Quando há a instituição organizada, estes possuem o caráter de exploração monetária e despertam a paixão nos jogadores ao fator acaso.”* (DOCUMENTOS ECLESIASTICOS DO BRASIL, 1957)

Ao mesmo tempo, o Código Penal de 1890, considerava como contravenção a prática da prostituição, do jogo, da vadiagem, das bebedeiras e desordens.

Locais da periferia, onde a classe trabalhadora se divertia passaram a ser severamente vigiados pela polícia. Todavia os cassinos não se localizavam somente na periferia das grandes cidades, mas também, em estâncias de águas, geralmente cercadas de vegetação. Os estancieiros, como eram chamados, respaldavam-se na Lei das Estâncias de Águas Hidrominerais, baseada no Decreto nº 3.987 de janeiro de 1920, que concedia autorização temporariamente para que vigorassem os jogos de azar em clubes e cassinos das estações balneárias, termas e climáticas, ou seja, instalações que fossem separadas da vida pública. Inclusive, esse decreto estipulava que quinze por cento dos lucros líquidos dos jogos de azar deveriam ser dedicadas à saúde pública.

As estâncias de águas ou estâncias de repouso necessitavam instalações que reunissem natureza e sossego. Sua finalidade sempre foi a de retirar o indivíduo do caos urbano e da agitação do trabalho para que este pudesse descansar e cuidar de sua saúde, tanto mental como física.

Manter a saúde como complemento de várias diversões, como os jogos de azar, sempre foi estratégia dos hotéis e *resorts* que historicamente mantiveram cassinos. (PAIXÃO, 1999)

A regularização para uma estância hidromineral que abrigava cassinos sempre coube aos governos nacionais ou locais. Os altos impostos eram aplicados a todos os estabelecimentos, fossem eles da iniciativa privada, do próprio governo ou mesmo mistos.

No Brasil, os empresários do jogo deveriam firmar um contrato com o governo, normalmente com um prazo de 10 (dez) anos para a exploração da estância hidromineral, com renegociação ao término do mesmo. No complexo deveria ser construído um hotel com restaurante, bar, piscina, salões, salas para conferências e festas beneficentes.

Os estabelecimentos deveriam ser construídos com o que havia de melhor e possuir alvará das prefeituras, além de se preocupar com várias benfeitorias locais. O concessionário deveria pagar uma quantia ao governo local e estadual antes e depois de inaugurado o cassino e, o contrato era freqüentemente renegociado entre as partes. Segundo o governo, estes pagamentos eram revertidos em assistência social como melhor lhe conviesse, muitas vezes contrariando o Decreto de 1920.

A estância hidromineral era obrigada, por contrato, a ser de primeira classe e manter a ordem, investindo em fiscalização e segurança, sob pena de multa ou rescisão do contrato. Havia regulamentação quanto ao horário de abertura do local; ao limite de freqüentadores; horário de permanência nas salas de jogos; proibição da entrada de menores nestas salas e determinações quanto a pessoas que não poderiam jogar como, por exemplo, os bancários, que eram vigiados a mando dos banqueiros. (ERNST, 2003)

As mulheres podiam entrar nos cassinos e jogar, mas calcula-se que não representavam mais que 25% dos freqüentadores, pois deveriam estar sempre acompanhadas de seus maridos, mesmo nos *shows* e espetáculos.

Ainda hoje, quando se entra em ambientes que outrora fora cassinos pode-se observar que para a sociabilidade entre homens e mulheres, estes locais possuíam salas distintas: uma destinada aos jogos (roleta, bacará ou '*chemin de fer*' e campista) e outra para o *grill-room* que era um salão enorme destinado para jantares e bailes com orquestras.

Todos os que entravam nos ambientes de jogos, mesmo sem o intuito de apostar, deveriam comprar fichas como forma de ingresso, o que não incluía os serviços de alimentos e bebidas.

As mulheres esbanjavam elegância com seus longos, peles, jóias, luvas e chapéus. Os homens se apresentavam no 'passeio completo', ou seja, terno e gravata e o indispensável chapéu.

De forma alguma, mal vestidos, bêbados e prostitutas poderiam adentrar ao recinto.

Já para os lugares mais informais e descontraídos dos hotéis e das estâncias, as mulheres encurtavam seus vestidos, porém nunca acima dos joelhos, num padrão geralmente xadrez nas cores branco e preto, modismo da época. Para os homens, as preferidas eram as jaquetas de gola alta ou camisas de mangas dobradas.

Respaldados pelo governo Vargas e pela Lei de Estâncias de Águas, os hotéis-cassinos brasileiros eram espaços de sociabilidade, difundidos pelo rádio e pelos jornais para chamar a atenção dos interessados quanto às programações e aos acontecimentos, perfazendo toda a grandiosa imagem do jogo-entretenimento para a sociedade.

4.1. O fenômeno Cassino da Urca no Rio de Janeiro

O centro de jogos e entretenimento mais famoso do Brasil, o Cassino da Urca, foi inaugurado 1933. Além dos luxuosos shows e espetáculos nacionais e internacionais, jogava-se roleta, cartas, dados e bacará em seus salões. Carmem Miranda e outras cantoras, bailarinas e vedetes foram consagradas em seus palcos. As *chanteuses* parisienses vieram para o Brasil contratadas pelo Cassino, assim como várias orquestras, como a de Isidoro Benitez, de Cuba.

O 'Cassino da Urca' ocupava todas as dependências do enorme prédio da Rua João Luiz Alves. Este, aliás, foi o maior de todos, projetando-se na história pela realização de maravilhosos *shows* em seu *grill-room*. No palco da Urca terá acontecido, sem dúvida, a mais extraordinária seqüência de espetáculos artísticos. Por lá estiveram celebridades internacionais, como Bing Crosby, Jean Sablon, Martha Eggerth, Pedro Vargas, Carmen Miranda, Toni Bennett, Edith Piaf, Amália Rodrigues. Havia grandes orquestras, como a titular de Carlos Machado, com o iniciante Dick Farney como *crooner*, e o fantástico Russo do Pandeiro. Vale ainda fazer referência a Déo Maia, cantora negra de enorme sucesso, Grande Otelo, às jovens Emilinha Borba, Linda e Dircinha Batista e Heleninha Costa. O palco do Cassino da Urca tinha sempre para seu público momentos maravilhosos para compor sua caríssima e sempre atraente programação. Isso sem falar nos músicos, malabaristas, acrobatas, ilusionistas, instrumentistas de renome no exterior, contratados a peso de ouro para manter o alto nível do que se poderia ver no lendário palco. (www.magocom.com.br)

A Companhia Imobiliária e Construtora do Rio de Janeiro foi a primeira proprietária, mas logo Joaquim Rolla compraria suas ações, associado a Nicolas Ladamy, Abar Renault e João Daher. Estes últimos fizeram do Cassino da Urca o fenômeno do Rio de Janeiro. (LOUZEIRO, 2000)

Os jornais, como O Imparcial, retratavam a mudança da antiga vida noturna do Rio de Janeiro para uma era mais fervorosa da boemia carioca:

Frequentemente ouvimos um velho bohemio sentenciado com a melancolia incurável de um desencantado: não há vida noturna no Rio de Janeiro! No Rio não se diverte. Fechados os cinemas e os teatros não se tem onde matar o tempo alegremente.

Nos cabares as mesmas caras de sempre. Caras que há uns vinte anos compõem a multidão tresnoitada que se denomina 'boemia carioca'.

E que esse velho bohemio não compreende a evolução que sofreu a vida noturna do Rio, não compreende ou não se adaptou ainda á nova athmosphera que o Rio nocturno respira. Porque a verdade é que o Rio nunca teve tantos e tão attractivos centros de vida nocturna como atualmente.

O Atlântico, o Copacabana e o Balneário da Urca, todas as noites se enchem. E até alta madrugada uma sociedade fina, distincta, se diverte a grande no seu movimentado e rumuroso 'grill-room'. (...)

Enquanto isso o velho bohemio procura matar a saudade do Rio antigo nas casas de chopps da Lapa... (JORNAL O IMPARCIAL. Rio de Janeiro, 29 maio 1935. p. 15. em ERNST, 2003).

Não era só o Cassino da Urca que deixava sem vida outros locais boêmios, mas também, o cassino do Copacabana Palace e o Cassino Atlântico eram os “donos da noite”, aliás, muito criticados por alguns apreciadores de teatros e cinemas.

O Cassino da Urca, da sociedade fina e elegante, dos fenômenos que transformavam a noite, dos bailes e jantares no *grill-room* e do jogo incessante, como todas as outras casas de jogos, fechou suas portas em 1946, e passou a sediar, em 1950, os estúdios da extinta TV Tupi até 1980, para depois se transformar no Museu da Televisão. (LOUZEIRO, 2000)

Em 2004, foram investidos quase cinco milhões de dólares para recuperar a fachada original de quando o prédio abrigava o Hotel Balneário, inaugurado em 1932 e, que assumiu a condição de cassino um ano depois. O edifício restaurado abriga o Museu do Rio, a contar a história urbana da cidade e dos meios de comunicação. (www.magocom.com.br)

Na era de Getúlio Vargas, entre os anos 1933 a 1946, o fenômeno do Urca representou a política que atendia as necessidades de lazer da elite ao mesmo tempo em que censurava o jogo para a classe trabalhadora, por acreditar que esta última não trazia lucros para o Estado e, ainda, poderia causar desordem local.

4.2. Os maravilhosos cassinos nas estâncias hidrominerais de Minas Gerais

Em Minas Gerais, os cassinos mais importantes eram os de Lambari; o Grande Hotel do Barreiro de Araxá; o Hotel Brasil de São Lourenço; e os de Poços de Caldas.

São Lourenço foi fundado em 1927, tornando-se o menor de todos os municípios do Estado. Seguiu o exemplo de muitas estações termais da Europa e chegou a possuir oito empreendimentos que exploravam o jogo. Quarenta hotéis surgiram ao redor dos cassinos atraindo visitantes da classe média alta de São Paulo e Rio de Janeiro, além de turistas argentinos, paraguaios e uruguaios.

Até então, existia uma linha aérea diária regular com Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo. A entrada era proibida para menores de 21 anos e as bebidas eram muito baratas, a exemplo do *marketing* que se faz atualmente na maioria dos cassinos do mundo.

O cassino do Hotel Brasil, o mais luxuoso da cidade, promovia bailes inesquecíveis e *shows* com artistas famosos da época, como Francisco Alves (O Rei da Voz) e Luiz Gonzaga (O Rei do Baião). (www.magocom.com.br)

Nos anos de 1920 e 1930, Poços de Caldas, por exemplo, era um balneário visitado por muitas pessoas em busca de cura para suas doenças e, assim, tornou-se símbolo nacional, graças à ampla cobertura das revistas e jornais.

Situada na divisa entre os estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, ela atraía as oligarquias do “café-com-leite” e a vasta máquina pública do Rio de Janeiro.

De “estação de cura” passou a ser um exemplo da agitação mundana, pois segundo Rejowski (2002), em Poços de Caldas, *“a elite mineira e a paulistana freqüentavam o Cassino Politeama, e distraíam-se com as inúmeras atividades oferecidas para passar o dia, como os banhos, os passeios, as atividades físicas, os flertes, os concertos, as danças, as beberagens e o jog”*.

Já o Palace Cassino, de Poços de Caldas, construído com o intuito de se tornar a mais completa e moderna estância hidromineral das Américas, possuía linhas neocoloniais, luxuosos jardins, salões e sacadas amplas. Sua rentabilidade era tamanha que motivou a construção de dois outros hotéis na região, o Palace Hotel e Thermas Antônio Carlos, em 1930. Muitos destes hotéis estão abertos até hoje e recebem, sobretudo, turistas internos que visitam o Circuito das Águas, no sul de Minas Gerais.

4.3. Águas de São Pedro: um município projetado em torno a uma estância hidromineral e hotel-cassino

Descobertas fontes minerais de propriedades terapêuticas, a família Moura Andrade inicia um ambicioso projeto turístico. Aproveitando o *‘boom’* das estâncias, englobou todo um município com suas ruas, alamedas, construções e serviços diversos, além de um luxuoso hotel-cassino em *art déco*, inspirado nos hotéis de *Spa*, na Bélgica.

Quando entra pela porta giratória, um marco personalizado na portaria principal do hotel, o viajante sente-se voltando a um passado de suntuosidade ante a

plasticidade do lobby de aparadores espelhados dominado pelo charme de uma sinuosa escadaria que desemboca no piso de granilite onde finas lâminas de bronze delineiam o nome do Hotel. Móveis em madeira escura e linhas retas, reproduzindo o estilo inovador para a época em que o hotel foi inaugurado que se harmonizam com o ambiente e auxiliam a compor o espaço que dá ao viajante, noção do período de inauguração do Hotel. Nas paredes dos corredores sociais, fotos em preto e branco relatam os mais marcantes episódios da existência do Hotel e das histórias que ele abrigou. (DA SILVA, 2001)

Com esta idéia, nasceu em 21 de setembro de 1935, a empresa “*Águas Sulphúricas de São Pedro e Thermas de São Pedro S/A*” que, pretendia atender pessoas que precisavam de tratamento de saúde e turistas em busca de descanso e diversão.

Segundo Da Silva (2001), “*destaca-se o fato de que Águas de São Pedro era a única estância termal do país a possuir um planejamento da atividade turística e de suas necessidades urbanísticas anterior à sua construção. Antes dela, somente o Guarujá, estância balneária que havia sido planejada, em 1892*”.

A pedra fundamental do hotel foi lançada em 1938, próximo às fontes e, não na cidade de São Pedro, como se havia pensado. Sua construção foi complicada graças à eclosão da Segunda Guerra Mundial que levou todos os recursos à escassez. Portanto, sua fundação só ocorreu em 25 de julho de 1940, como marco inicial de toda a estância.

Alguns hotéis surgiram em torno ao Grande Hotel Águas de São Pedro, e toda a cidade girava em função deste empreendimento que atraía a visitantes de todo o país e dos vizinhos da América do Sul. Mas, novamente a atividade complementar dos jogos de azar se tornou a principal, muito acima do termalismo.

Acredita-se que, além da proibição dos cassinos, Águas de São Pedro sofreu um golpe duro, assim como todas as termas de interior, inferido pelos filmes hollywoodianos que impuseram a moda do lazer nas praias com a imagem principal do *Hawaii*. Na década de 1940, já era mais comum ver as pessoas banhando-se no mar e se bronzeando.

Com uma estrutura menor comparada aos outros hotéis-cassinos, o Grande Hotel de Águas de São Pedro sobreviveu apesar de inúmeros problemas, até que em 1969, o SENAC o adquiriu em regime de comodato para transformá-lo em hotel-escola.

4.4. Cassino do Ahú de Curitiba: um exemplo da expansão dos cassinos pelo Brasil

Por volta de 1930, um parque em parque em Curitiba, denominado Ahú, passou a ser muito visitado aos domingos. A crença popular era de que suas águas eram terapêuticas. Antes localizado em área rural, graças à rápida expansão urbana, o parque foi incorporado à Cidade. Esta era uma das principais diversões com que contavam os curitibanos, além do teatro, dos clubes, do cinema, dos bailes, dos circos e das festas religiosas.

A exemplo de outros centros mais desenvolvidos do país, desde o início do século XX, em Curitiba, já existiam cassinos e casas de jogos que serviam aos interesses políticos e financeiros, “*como o Clube Cassino Curitibano, instalado próximo de seu rival o Clube Curitiba*”, além do *Jockey Club*; da Associação de Imprensa; do Britânia; do Centro Português; do Atlético e do Cassino instalado no Edifício Garcez, no centro da cidade, denominado Estância das Mercês. (ERNST, 2003)

O Cassino do Ahú abriu suas portas em 1935, onde personalidades do mundo artístico, político e empresarial prestigiavam o local, diariamente.

A abertura do Cassino pode ser considerada uma ruptura local, contando-se do pré ao pós Cassino, pois para atrair frequentadores, os dirigentes efetuaram melhorias visíveis nas ruas, onde praticamente só transitavam carroças; a poeira deu lugar ao calçamento; o local ganha iluminação; e aos moradores da região, que eram em maioria pessoas simples e trabalhadoras, juntaram-se os festeiros e ricos. (ERNST, 2003)

Numa primeira fase, que durou dois anos, as pessoas se interessavam mais pela fonte de água que pelos jogos em si. Talvez porque a capital paranaense, bastante voltada para o trabalho, seguia de perto as políticas do governo Vargas.

Em 1937, os jogos em cassinos passaram a ser permitidos apenas respaldados pela Lei de Estância de Águas Hidrominerais de 1920, o que ocasionou o fechamento de estabelecimentos menores. Manuel Ribas, o interventor do Estado do Paraná pôs fim aos jogos de azar, restando “*à população boêmia e frequentadores de cassinos, os bares e cafês, principalmente os da Rua XV, como o Palácio; cabarés como o famoso A República; cinemas como o Cine Luz; Broadway; Palácio Imperial e República, dentre outros.*” (ERNST, 2003)

Este fato deu pretexto a Acyr Guimarães (presidente da Associação de Imprensa) e outros empresários a ampliarem a estrutura, em 1939, do que seria a coqueluche da diversão curitibana. (ERNST, 2003)

Para a alegria dos curitibanos que consideravam possuir poucas opções de lazer e, devidamente regularizado perante o Estado do Paraná, em 25 de janeiro de 1940, o Cassino do Ahú voltou a funcionar.

O Cassino do Ahú não seria um local destinado apenas à população boêmia, uma vez que o ‘complexo’ era composto por diversas atrações como cantores que vinham de diversos locais, artistas cômicos, danças e restaurante, dentre outras. Essas formas de atração eram consideradas inovadoras no sentido de serem atribuídas a um único local, e atraíam uma mescla diferenciada de freqüentadores, pois uns apreciavam a música, outros a dança, outros o jantar e outros ainda o jogo, a bebida... (ERNST, 2003)

A abertura do Cassino foi divulgada com bastante antecedência pelos jornais como um evento luxuoso. “*Um acontecimento social de vulto, com extraordinário sucesso foi inaugurado ontem o Cassino do Ahú, magnífico, moderno e luxuoso centro de diversões noturnas*” (Jornal GAZETA DO POVO 26/01/1940 em ERNST, 2003.)

Com o passar dos anos, o cassino foi crescendo e sua estrutura ampliada, chegando a incentivar os esportes, especialmente a natação. Uma piscina foi construída para sócios e visitantes, reforçando a imagem da água relacionada à saúde. Senhoras e senhoritas deviam obrigatoriamente agendar horários para os banhos.

Vários turistas (principalmente de elite da região sul) freqüentavam o complexo e, os dias que atraíam o maior número de freqüentadores eram as quintas-feiras, sábados e domingos. Havia matinê aos domingos, assim os menores podiam freqüentar o clube desde que permanecessem no *grill-room* (salão de baile e jantar) e nunca no salão de jogos.

O jogo mais popular, como em quase todos os cassinos, era a roleta. E em termos de espetáculos chamavam a atenção os nomes internacionais que vinham das melhores casas do Chile e da Argentina. Mas onde a sociedade do trabalho predominava, os jogos de azar passavam para muitos uma imagem degradante do ser humano. Por outro lado, os cassinos localizados nas estâncias hidrominerais voltados à saúde, ao lazer e ao bem-estar do cidadão e do trabalhador atraíam mais simpatizantes, quer no Brasil ou no exterior.

Nesta época, em todos os quadrantes do mundo havia uma resistência contra os jogos de azar. Governos buscavam incrementar suas receitas por meio das loterias enquanto a Igreja – inimiga histórica - combatia os cassinos por acreditar ser um meio de diversão prejudicial à família. A única a caminhar em sentido contrário em todo o mundo era Las

Vegas, nos Estados Unidos: Então, nas últimas duas décadas voltou a ser exemplo mundial para a reimplantação dos cassinos.

Como aconteceu com os cassinos da época, o Ahú de Curitiba passou por um declínio importante causado pelos anos de guerra mundial. Muitos setores econômicos do país se enfraqueceram, com ênfase aos estabelecimentos que proporcionavam lazer, diversão e sociabilidade aos cidadãos.

5. A queda de Vargas e o fim da *Belle Époque* tupiniquim

Durante a II Guerra Mundial chegaram ao Brasil relatórios de tropas brasileiras que se posicionavam a favor da redemocratização do país. Assim que, em fevereiro de 1945, a Constituição de 1937 acolheu um ato adicional que possibilitava a fixação de eleições presidenciais. Naquele ano, todos os presos políticos são anistiados e as eleições convocadas para dezembro próximo.

Prevedo que Vargas proibiria as eleições presidenciais, os militares deflagraram um golpe político e Getúlio se exilou em São Borja, no Rio Grande do Sul.

Ministro da Guerra, desde 1936, o general Eurico Gaspar Dutra (1889-1974), que se destacou por promover a modernização e a ampliação das forças armadas, além de comandar a Força Expedicionária Brasileira (FEB), enviada para ajudar os Aliados na Itália, concorreu às eleições presidenciais de 1945, contra o Brigadeiro Eduardo Gomes, opositor de Vargas.

Do extremo sul, Getúlio se manifesta a favor de Dutra para a presidência da República (1945-1950), vencedor das eleições com 3.250.000 votos pelo recém-criado PTB (Partido Trabalhista Brasileiro). E, Vargas é eleito deputado por nove e senador por dois Estados brasileiros.

Curiosamente, pouco antes de retirar-se de sua primeira presidência, Getúlio Vargas, em um dos seus últimos atos, assinou e mandou publicar o Decreto-lei de número 8.621 que criou o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC), que pretendia capacitar profissionais para as mais diversas áreas, entre elas o turismo e a hotelaria. Décadas depois, também o SENAC tomaria conta dos antigos hotéis-cassinos Grande Hotel Águas de São Pedro e Grande Hotel Campos do Jordão. (TRIGO, 2000)

Empossado em 31 de janeiro de 1946, Dutra tinha pela frente o desafio de manter o conservadorismo e ao mesmo tempo equilibrar o orçamento, severamente abalado no pós-guerra. Surpreendentemente, uma de suas primeiras atitudes foi restabelecer a vigência do artigo 50 da lei de contravenções penais, por meio do Decreto-Lei nº. 9215 de 30 de abril de 1946, que mandava fechar todas as casas, centros e cassinos que mantinham os jogos de azar, sem exceção, mesmo os que estavam amparados pela Lei das Estâncias de Águas. Somente os jogos em áreas abertas e aqueles que envolvessem animais foram poupados.

Declarou o presidente Dutra:

“Considerando, que a repressão aos jogos de azar é um imperativo da consciência universal;

considerando, que a legislação penal de todos os povos cultos contém preceitos tendentes a este fim;

considerando, que a tradição jurídica, moral e religiosa do povo brasileiro é contrária à prática e à exploração de jogos de azar e, das exceções abertas à lei em geral, provêm abusos nocivos à moral e aos bons costumes.”
(www.magocom.com.br)

A decepção daqueles que nele apostaram pela continuidade das casas de jogos de azar foi enorme, pois o Brigadeiro Eduardo Gomes, claramente contrário aos cassinos, era apoiado por alguns setores da sociedade opositores às apostas, principalmente a Igreja. Inclusive, uma faixa em volta do edifício do Hotel Quitandinha alertava para uma possível vitória de Eduardo Gomes, o que seria prejudicial para os profissionais daquele estabelecimento. (www.magocom.com.br)

O então candidato à presidência, General Dutra não se declarava nem contra nem a favor do jogo, ao contrário de sua esposa, dona Carmela Dutra (mais conhecida como Dona Santinha), que devido à sua conduta rígida católica, condenava os jogos de azar, já que sua prática conduzia o cidadão trabalhador aos ganhos ilícitos condenados pela igreja.

Logo após a proibição do jogo, começou um movimento para reabrir os cassinos, principalmente porque o Cassino de Lambari, em Minas Gerais estava funcionando há apenas um dia quando foi fechado. Outros cassinos famosos como o Quitandinha e o Grande Hotel Araxá, também investiram grandes somas, mas sem sucesso.

Com as grandes perdas surgiram revoltas e desemprego. Nos cassinos os *shows* eram agendados com antecedência e, sobre a quebra de contrato, previa-se ressarcimentos. Foram muitos os prejuízos e funcionários demitidos e/ou indenizados.

O mundo fantástico do Quitandinha desabou, veio abaixo! Desemprego em massa, chefes de família desarvorados, lágrimas, desolação, tristeza. Tragédia social de dimensões abissais. Notícias de suicídio! O Quitandinha fora reduzido a cinzas e, desde então, vem cumprindo uma senda absolutamente diversa daquela que inspirou sua criação, que era seu verdadeiro destino: cassino. Na imensidão dos salões, salas, jardins, galerias, corredores, *boites*, teatros, varandas, tudo, só fantasmas e fantasmas. (www.magocom.com.br)

Como a maioria dos cassinos, o Quitandinha continuou com seu hotel até falir, sendo atualmente convertido em condomínio, na tentativa de revitalizar seu antigo *grill-room* (salão de jantar) onde abrigava os bailes, em um espaço de aluguel para festas. O Cassino do Ahú, em Curitiba, transformou-se em discoteca e depois se tornou sede do Provincialato das Irmãs da Divina Providência. Na capital paranaense, o local onde antes se jogavam cartas, dados, roleta e bacará agora – ironicamente –, é local de orações e de elevação espiritual.

Para a elite freqüentadora, o fechamento destas casas repercutiu de forma muito desagradável porque, desde então, aqueles que buscavam esta forma de lazer e diversão perderam esta prática. Em cidades menores que não contavam com cinemas, teatros ou *boîtes* prejudicaram em muito sua oferta de entretenimento.

6. E o sonho continua...

Em geral, os jogos de azar foram escritos, interpretados e pensados, por vários séculos, como uma luz desfavorável à ética e à moral, normalmente alimentados por segmentos da Igreja.

Mas a maioria dos países o utilizava (e ainda utiliza) para conseguir impostos fáceis.

Muitos filósofos influenciaram as leis dos Estados com suas teorias, como, por exemplo, o francês Jean Jacques Rousseau: “*a base das leis é a vontade das pessoas expressadas por elas mesmas*”.

Nos últimos dois séculos, as leis se aperfeiçoaram e o moderno consumidor parece não querer restrições, exceto quando elas são feitas para a sua própria proteção. (PAIXÃO & GÂNDARA, 1999)

Por isso, estudar as décadas de 1930 e 1940, que marcaram a história do Brasil para sempre é de grande utilidade para planejar o futuro das políticas que atingem o jogo e a atividade turística no país, sobretudo quando se pensa na recuperação de balneários e estâncias em decadência.

Na ditadura de Vargas, a urbanização planejada de uma maneira mais prática assegurou um desenvolvimento territorial voltado à modernização. A cidade tornou-se o centro das atenções de toda a sociedade, mesmo sendo um espaço que deixava mais visível as desigualdades sociais. Ainda assim, mudaram as perspectivas do homem do campo, que via na cidade grande o local propício para construir e melhorar sua qualidade de vida e condições de trabalho; com reflexo nas realizações de ócio e lazer das elites.

Ambos, aristocracia e classe trabalhadora parecem lembrar destes momentos como se fossem os melhores de suas vidas.

De fato, lugares centrais e regiões periféricas, principalmente onde se localizavam as fontes de águas, transformaram-se em grandes centros de diversão e lazer. Muitos hotéis-cassinos brilharam durante os anos que Getúlio Vargas lhes deu apoio para que a elite pudesse desfrutar de momentos que, ainda hoje, deixam na memória dos mais idosos: orgulho, saudade, alegria, esperança, tristeza, desgosto e nostalgia.

São estes sentimentos que indicam a verdadeira *'Belle Époque'* de qualquer nação.

Na maioria dos casos, os cassinos têm ajudado a aumentar a rentabilidade e a ocupação dos hotéis e dos *resorts*, além de colaborar com o incremento do produto turístico. No Brasil, muitos hotéis surgiram da implantação destes centros e outros desapareceram com eles. A história dos extintos hotéis-cassinos na *Terra Brasilis* é curiosa e polêmica.

E enquanto prossegue o debate, a população brasileira continua na condição de grande apostadora, seja nas loterias oficiais; nas casas de jogos ilegais; ou ainda, nos vários cassinos de fronteira que contribuem para a fuga de divisas do país.

7. Referências Bibliográficas

BARBOSA, Y. M. **História das Viagens e do Turismo**. São Paulo: Ed. Aleph, 2002.

DA SILVA, J. C. I. **Grande Hotel São Pedro: o patrimônio cultural como fator de atração do turista**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: CUIA, 2001.

DE MASI, D. **Criatividade e Grupos Criativos**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

DOCUMENTOS ECLESIAÍSTICOS DO BRASIL. **Pastoral Coletiva sobre o Jogo a Dignidade da Família e a Defesa do Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1957.

ERNST, K. G. **Memórias do Cassino Ahú: sociabilidade e relações de gênero (Curitiba 1940-1946)**. Monografia de conclusão de curso. Curitiba: UTP, 2003.

GAZETA MERCANTIL. **Análise Setorial: A Indústria Hoteleira - vol. 1**. São Paulo: Gazeta Mercantil, 1999.

LOUZEIRO, J. **Urca: o bairro sonhado**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

NOSSO SÉCULO: 1930-1945 A ERA VARGAS. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

ORTRIWANO, G. S. **A informação no rádio**. São Paulo: Summus Editorial, 1985.

PAIXÃO, D. L. D. **La reimplantación de los casinos en Brasil y sus efectos en la actividad turística**. Dissertação de Mestrado. Las Palmas de Gran Canaria: ULPGC, 1999.

PAIXÃO, D. L. D & GÂNDARA, J. M. G. **A Legalização dos Cassinos no Brasil: uma análise comparativa das situações governamentais em outros países**. Turismo - visão e ação v.1, n.2. Balneário Camboriú: Ed. da Univali, 1999.

PIRES, M. J. **Raízes do Turismo no Brasil: hóspedes, hospedeiros e viajantes no século XIX**. 2ª ed. São Paulo: Ed. Manole, 2002.

REJOWSKI, M. (Org.) **Turismo no percurso do tempo**. São Paulo: Ed. Aleph, 2002.

TRIGO, L. G. G. **Viagem na Memória: guia histórico das viagens e do turismo no Brasil**. São Paulo: Ed. Senac, 2000.

Site consultados

www.magocom.com.br

(Boletim de Novidades Lotéricas)

Artigo "Façam o jogo, Senhores...Oswaldo Miranda ainda sonha com a reabertura dos cassinos." acessado em 18-10-04.

8. Exercícios de Fixação

1 – Assistir ‘O Sorriso de Monalisa’ com a atriz Julia Roberts e debater sobre as mudanças que a sociedade sofreu no pós-guerra; sobretudo discutir o papel da mulher neste período relacionando texto e sociedade brasileira;

2 – Discutir em grupo e citar quais as principais mudanças que a 2ª Guerra Mundial trouxe para que surgisse o turismo de massa na sociedade da época;

3 – Pesquisar em *sites* de busca (ex.: www.google.com.br) como está a situação atual dos antigos hotéis-cassinos citados neste capítulo;

4 – Assistir ‘Olga’ e debater sobre o período de Vargas no poder, pré-II Guerra Mundial;

5 – Investigue no *site* www.magocom.com a problemática atual do jogo no Brasil e debata com seus professores e colegas;

9. Sobre o autor:

Dario Luiz Dias Paixão, M.Sc.

- Bacharel em Turismo pela UFPR;
- Mestre em Turismo pela *Universidad de Las Palmas de Gran Canaria* (Espanha);
- Doutorando em Turismo e Desenvolvimento Sustentável pela *ULPGC* (Espanha);
- Coordenador dos cursos de Graduação e Pós-Graduação em Turismo do Centro Universitário Positivo (Curitiba/PR);
- Presidente do Fórum Paranaense de Coordenadores de Cursos Superiores de Turismo e Hotelaria;
- Membro do Conselho Consultivo de Turismo do Paraná;
- Perito do Conselho Estadual de Educação;
- Membro do Conselho Editorial da Revista *Estudios y Perspectivas en Turismo* (CIET - Argentina);
- Professor convidado de pós-graduações em Turismo no Brasil e no exterior.